

LORNA BYRNE

De Mãos Dadas com os Anjos

Tradução de
Ana Paula Nereu Reis

Pergaminho

1

O início

Encontrava-me num mundo só meu, a colorir um desenho com os lápis dispersos pelo chão. Embora estivesse a esforçar-me ao máximo para não pintar fora das linhas, não estava a ter muito sucesso, sentindo-me por vezes um pouco frustrada. Devia ter cerca de quatro anos de idade.

Nesse dia, uma mão enorme e dourada, repleta de luz, desceu sobre a minha pequena mão. O toque da mão deste anjo encheu-me de amor a ponto de quase esquecer o desenho que estava a colorir. Em vez disso, concentrei-me na mão do anjo sobre a minha, hipnotizada por toda aquela luz e pormenores. Os seus dedos longos eram perfeitos. Moviam-se sobre os meus, guiando o lápis na minha mão, e, enquanto o fazia, as pontas dos dedos do anjo cintilavam. De facto, toda a mão do anjo irradiava uma tal luminosidade que era como uma tocha, iluminando o chão onde o meu desenho se encontrava com todos os lápis dispersos em meu redor num círculo.

Então, o anjo disse-me:

– A tua mãe vem aí.

A minha mãe entrou no quarto e ficou junto de mim durante um momento, dizendo:

– Que belo desenho.

Eu sorri-lhe e depois a minha mãe voltou-se, dirigiu-se à janela e abriu as cortinas para deixar entrar mais luz. Falei com o anjo sem palavras, como muitas vezes fazia. Não havia necessidade de dizer nada em voz alta.

– A minha mãe não consegue ver a luz que fizeste para mim. Ela não sabe que eu não preciso que ela abra as cortinas.

O anjo advertiu:

– Lorna, lembra-te de que deves manter segredo, não digas nada.

– Está bem – respondi.

A minha mãe saiu da sala para regressar à cozinha.

A nossa pequena sala era escura durante a maior parte do tempo. A minha mãe não nos permitia acender a luz durante o dia. Em retrospectiva, compreendo que os meus pais tinham muito pouco dinheiro. Estava quase a acabar de pintar o meu desenho quando *Blackie*, a nossa gata, entrou na sala e sentou-se ao nosso lado. O anjo levantou a mão da minha e dirigiu-a para alguns dos lápis no chão. Então, apontando com um dedo, o anjo fez os lápis moverem-se sem lhes tocar. Eu soltei uma gargalhada quando *Blackie* reagiu estendendo a pata e começando a brincar. Ela pegou num lápis entre as patas e rebolou de costas no chão com ele. Fez isto várias vezes, tentando manter o lápis entre as patas enquanto se rebojava pelo chão.

– A *Blackie* consegue ver a luz que vem da tua mão? – perguntei.

– Não, a *Blackie* não consegue ver a luz – respondeu-me.

A mão do anjo moveu-se de novo para o meu desenho no chão e a imagem iluminou-se com a luz resplandecente que provinha da mão dele.

– Acabei! – exclamei deliciada.

Quando lhe peguei para o ver melhor, o anjo sussurrou ao meu ouvido.

– Sabes, Lorna, tu consegues colorir um desenho perfeitamente sem a minha ajuda.

Estou certa de que ele disse isto porque, sendo uma criança pequena, não me considerava suficientemente hábil para colorir sem a ajuda dele.

– Obrigada, anjo, por me ensinares e ajudares – eram as palavras que eu dizia sempre que o anjo colocava a sua mão sobre a minha para me ajudar a colorir o meu desenho.

Tenho visto anjos fisicamente todos os dias da minha vida desde criança. Não consigo imaginar como seria a vida se não visse os anjos fisicamente ou conversasse com eles. Isso é normal para mim, mas eu sei que não o é para as outras pessoas.

Tudo o que eu posso dizer é pedir-lhe que ponha de lado as suas dúvidas e dê a si mesmo uma oportunidade de perceber que não é apenas um ser humano. É mil milhões de vezes mais do que isso. Você tem uma alma. É tanto um ser espiritual como uma pessoa física. Pense nisso por um momento. Se, de alguma forma, se sentir cético ou mesmo cínico, pergunte a si mesmo: o que é que tem a perder em abrir-se para a possibilidade de que tem um anjo da guarda?

Num dia frio de inverno, perguntei à minha mãe se podia ir para o quintal brincar.

– Sim – respondeu a minha mãe –, mas tens de vestir um agasalho, está bem?

Eu disse que sim e corri para o corredor para ir buscar o meu casaco. Ela veio ter comigo ao corredor e disse:

– Toma estas luvas velhas. Elas irão ajudar-te a manter os dedos quentes.

Corri pelo corredor e parei junto à porta da oficina. Estava muito escuro lá dentro. Sempre tive de permitir que os meus olhos se ajustassem à penumbra para conseguir ver e seguir em segurança através da desordem para sair pela porta das traseiras. (Nesta altura ainda residíamos na nossa casa em Old Kilmainham.)

A nossa casa em Old Kilmainham era como uma casa de bonecas. Residimos ali desde que eu nasci até ao dia em que o teto ruiu quando eu tinha cerca de cinco anos de idade. Não sou muito boa a recordar a idade de modo exato, por isso nunca estou totalmente certa. Todavia, depois de o teto ter caído fomos morar em Ballymun, na casa da minha prima Netty. Ela vivia sozinha. Os seus pais haviam morrido quando ela era jovem. Só vivemos com Netty durante alguns anos e depois disso mudámo-nos para uma habitação social em Edenmore, Raheny. Ali todas as casas pareciam iguais. O meu pai ficou ferido num acidente de trabalho. Tanto quanto sei, deram-lhe um cargo de chefia em vez de dinheiro como compensação. O dinheiro extra que veio com o cargo de gerente significava que o meu pai e a minha mãe podiam poupar. Alguns anos mais tarde, compraram uma casa em Leixlip, uma cidade nos arredores de Dublin. Eu era adolescente nessa altura. Vivi lá com a minha família até me ter casado com Joe

e termos comprado um chalé em Maynooth com um empréstimo da câmara municipal.

Percorri o caminho do nosso jardim e subi para o muro que se encontrava no final. Passei por cima dele e comecei a brincar. Estava a construir uma casa com paus e pedras quando ouvi chamarem o meu nome. Virei-me e vi o Arcanjo Miguel a cerca de um metro de distância de mim, junto à porta de uma pequena cabana, o nosso quarto de banho exterior. Dirigi a Miguel um grande sorriso e disse-lhe «olá» enquanto continuava a apanhar algumas pedras do chão. Perguntei-lhe se tinha vindo para me ajudar.

– Não, Lorna – respondeu. – Vim apenas para falar contigo.

Parei de apanhar pedras. Quando me preparava para pousar sobre o muro as poucas que tinha na mão, uma mão enorme, dourada e repleta de luz apareceu sobre a minha. O Arcanjo Miguel perguntou-me:

– Lorna, sabes de quem é essa mão? – perguntou-me o Arcanjo Miguel.

– Sim, sei. É o anjo que está sempre comigo, mesmo quando estou a dormir na minha cama. Se eu abrir os olhos por alguns segundos, consigo ver os braços do anjo em meu redor. É o meu anjo da guarda. Não sabes isso, Miguel? Toda a gente tem um anjo, por isso eu também devo ter.

A gargalhada do Arcanjo Miguel soou como um trovão e fez-me rir.

– Estava só à espera que me disseses – prossegui. – Sentia-me ligeiramente preocupada. Tinha receio de te perguntar, pois podias dizer-me que eu não tinha um anjo da guarda como todas as outras pessoas, mas agora estou feliz.

Eu conseguia ver todos os demais anjos da guarda de pé atrás dele. O Arcanjo Miguel já tinha falado comigo sobre os anjos da guarda, mas nunca havia mencionado explicitamente o meu. Quando era pequena, estava sempre a pensar «então, e o meu?», aguardando que o Arcanjo Miguel me desse a certeza de que eu também tinha um anjo da guarda.

Só então o anjo com a enorme mão dourada, que ainda estava sobre a minha, a segurá-la, apareceu diante de mim.

– Tu nunca apareceste à minha frente antes – exclamei.

– Tenho-o feito tantas vezes, Lorna, mas principalmente quando estás a dormir – respondeu-me o anjo. – Às vezes fico à tua frente quando estás a colorir e não precisas da minha ajuda. Só que tu não reparas.

Ocasionalmente, os anjos da guarda passam de trás para a frente das pessoas. Por vezes, embora o seu anjo da guarda esteja atrás de si, ele está efetivamente ao seu redor em simultâneo. É difícil de explicar. O anjo da guarda costuma passar para a frente da pessoa principalmente em momentos difíceis, para as ajudar a estabelecer uma ligação com ele e a ultrapassar as dificuldades, detetando a presença do anjo da guarda e sentindo a esperança que ele pretende transmitir-lhe.

O Arcanjo Miguel perguntou-me então:

– Consegues recordar-te do que te disse sobre o teu anjo da guarda?

– Acho que sim!

– Diz-me então do que te recordas, Lorna.

Eu pensei por um momento e depois lembrei-me. Apercebi-me de que até àquele momento tinha esquecido tudo o que o Arcanjo Miguel me havia dito sobre os anjos da guarda.

– Eu estava sentada na minha cama, no andar de cima, quando entrei no meu quarto – respondi-lhe. – Seguravas na mão um livro aberto. Começaste a ler, a falar-me sobre o meu anjo da guarda. Disseste-me que o meu anjo da guarda nunca me deixaria nem por um segundo, que nunca estaria sozinha e que ele me amava. Sabes aquela palavra grande, Arcanjo Miguel? Não consigo pronunciar-la corretamente.

– Amor incondicional – respondeu o Arcanjo Miguel.

– Sim, é essa a palavra.

– Diz em voz alta, Lorna.

Repeti-a cerca de seis vezes antes de conseguir pronunciar-la corretamente. Devido à minha dislexia, levei toda a minha vida a aprender a pronunciar-la, já para não falar de a entender!

– Amor incondicional – disse. – Consigo sempre pronunciar essa palavra depois de ti, Arcanjo Miguel. O que mais me disseste sobre o meu anjo da guarda?

– Que tu és a pessoa mais importante do mundo para o teu anjo da guarda – respondeu.

Sorri para o Arcanjo Miguel, pensando que agora me tinha recordado de tudo, mas ele prosseguiu: – Não há mais nada?

Olhei para o meu anjo da guarda, que estava de pé à minha frente, sorrindo e segurando na minha mão. Fiquei ali por um momento, ponderando. Estava a esforçar-me por me recordar se havia algo mais. Olhei para o Arcanjo Miguel e, de súbito, lembrei-me.

– Sim – exclamei com entusiasmo. – Lembro-me agora, o guardião da minha alma!

Fiquei ali, a olhar para o meu anjo da guarda. Não conseguia tirar os olhos dele. Para mim, ele era mais bonito do que qualquer anjo que eu já tinha visto. A luz radiante que emanava dele permitia-me ver a aparência humana que tomara. Estava a tentar olhar para todas as partes dele. Estava a olhar para o meu anjo da guarda como se os meus olhos tivessem uma lupa; não queria perder nada. Não queria deixar de ver um único local.

Tinha vestido umas quantas túnicas douradas que lhe caíam até aos dedos dos pés. Não conseguia descortinar quantas túnicas usava, mas todas as dobras do material eram perfeitas. As suas roupas pareciam ondular como se soprasse uma brisa suave.

Dei um passo em frente para o abraçar, mas o Arcanjo Miguel disse-me:

– Não podes caminhar em direção ao teu anjo da guarda, Lorna, mesmo que às vezes te pareça que o fazes. Sempre que isso acontece, é só o teu anjo da guarda a colocar uma das suas túnicas em teu redor. Não pode acontecer de outra forma. Não poderias ser tu a fazê-lo, Lorna. Somente o teu anjo da guarda pode.

– Eu sei – respondi tristemente a Miguel. – Eu só queria muito poder fazê-lo.

O meu anjo da guarda sorriu-me, mas não pronunciou uma palavra. Ele parecia-me um gigante. De repente, as asas do meu anjo da guarda abriram-se e rodearam-me. Eram feitas de penas douradas de diferentes formas e tamanhos. Eu podia ver cada fio em cada pena, cada pormenor. Pareciam tão macias. Algumas tinham a forma de penas, as mesmas que vemos nos pássaros, similares às penas que conhecemos e

reconhecemos todos os dias; mas outras eram moldadas em círculos, triângulos, quadrados, cruzeiros e outras formas mais.

O Arcanjo Miguel pronunciou o meu nome e, ao mesmo tempo, o meu anjo da guarda começou a retirar as asas, movendo-as muito gentilmente e abrindo-as como uma porta. Eu olhei para cima e, quando o fiz, o Arcanjo Miguel tocou em algumas das penas do meu anjo da guarda com as pontas dos dedos e elas iluminaram-se! Algumas das penas em forma de símbolos começaram a girar em círculo e quase me tocaram. Eu podia *sentir* uma brisa suave. Então, o Arcanjo Miguel tirou o dedo e elas pararam de girar. Perguntei se podia estender a mão e tocar-lhes.

Foi o meu anjo da guarda que respondeu:

– Não, Lorna.

Mas quando ele desdobrou as asas, permitiu que apenas uma das penas da ponta da asa do lado direito tocasse na minha mão. Era tão suave! Como uma onda de amor a atravessar o meu corpo. Em simultâneo, o meu anjo da guarda soltou a minha mão esquerda.

O Arcanjo Miguel disse que tinha de ir e desapareceu.

Voltei-me para o meu anjo da guarda.

– Ainda bem que tu não tens de ir a lado nenhum.

Ele sussurrou ao meu ouvido:

– Eu estou sempre contigo, Lorna.

Levei a mão à boca e dei um pulo, dizendo:

– Ah, esqueci-me de dizer ao Arcanjo Miguel que não tenho permissão para revelar o teu nome, a ninguém. É para ser mantido em segredo.

O meu anjo da guarda dirigiu-me um grande sorriso, dizendo que sabia, e apontou para as pedras com as quais eu estava a brincar. Retirei as pedras do muro do jardim e recomecei a brincar, construindo uma pequena casa com paus e pedras.

Os anjos não são nem homens nem mulheres. Só que, por vezes, adotam uma aparência masculina ou feminina, e outras vezes não adotam nenhuma delas. O meu anjo da guarda sempre adotou uma aparência masculina. Nunca mencionei antes o meu anjo da guarda porque não estava autorizada a fazê-lo. Durante toda a minha vida, o

meu anjo da guarda foi-me recordando que eu nunca devia falar acerca dele nem divulgar o seu nome, mas que um dia eu poderia revelar um pouco. Contudo, jamais me permitirão revelar o nome dele ou revelar tudo. Quando o meu primeiro livro, *Anjos nos Meus Cabelos*, foi publicado, era constantemente recordada, não apenas pelo meu anjo da guarda, mas por todos os outros anjos, de que não deveria responder a perguntas sobre ele.

Nas entrevistas na rádio, na televisão ou em palco, quando o entrevistador fazia perguntas sobre o meu próprio anjo da guarda, eu ficava realmente assustada. Perguntava sempre aos anjos:

– O que devo dizer?

O meu próprio anjo da guarda sussurrava ao meu ouvido:

– Diz a verdade.

Eu respirava fundo e apenas dizia:

– Não posso falar sobre o meu próprio anjo da guarda. Não tenho permissão para o fazer.

Por vezes, um entrevistador tentava que eu lhe desse uma resposta, mas eu tinha de dizer que não, e isso em certas ocasiões deixava-me envergonhada.